

**ENTRE MARX E KIERKEGAARD, BENJAMIN: TESES SOBRE A IDEIA DE
REPETIÇÃO NA HISTÓRIA**

Gustavo Racy

RESUMO

Partindo de uma preocupação teórica com o momento presente da sociedade global, este ensaio tem como objetivo repensar a ideia de repetibilidade da história tal qual proferida na máxima marxista. Tomando Walter Benjamin como modelo, debruçando-se sobre o conceito de repetição tal qual desenvolvido por Kierkegaard, as teses aqui apresentadas problematizam o pensamento de Marx em seu *18 Brumário*. Mais do que a Marx, entretanto, a crítica, dividida em 18 teses, se dirige a uma reprodutibilidade comum da hipótese marxista, de modo que, através de Benjamin, este ensaio procura coadunar três pensadores, atualizando a ideia de repetibilidade da história para a contemporaneidade. Mais do que uma máxima política, trata-se, portanto, de pensar tal hipótese com fundamento na filosofia da história.

Palavras-chave: Walter Benjamin; Karl Marx; Soren Kierkegaard; repetição; causalidade; história.

**BETWEEN MARX AND KIERKEGAARD, BENJAMIN: THESIS ON THE IDEA
OF REPETITION IN HISTORY**

ABSTRACT

Building from a theoretical concern with the current state of global society, this essay focuses on reflecting upon the idea of history's repeatability as professed by the Marxist tradition. Taking Walter Benjamin as a model and looking at Kierkegaard's concept of repetition, the theses that follow question Marx's thinking as presented in his *18th Brumaire*. More than Marx, however, the 18 theses that form this critique are directed to a sort of common reproducibility made of the Marxist hypothesis. This way, through Benjamin, the essay seeks to conform three different philosophers, updating the idea of history's repeatability for current day. More than a political maxim, it is important to think of Marx's hypothesis grounding on the philosophy of history.

Keywords: Walter Benjamin; Karl Marx; Soren Kierkegaard; repetition; causality; history.

1. A tradição marxista elegeu como epígrafe permanente a proclamação proferida no *18 Brumário*, segundo a qual a história se repete, primeiro como tragédia e depois como farsa. Deste modo fez, e faz, ainda, com que o agora seja vivido ora como farsa, ora como tragédia ele mesmo. Ainda que o próprio Marx estivesse ciente da conjuntura histórica a qual referida repetição era possibilitada por aproximação entre um momento e outro, declarou, no entanto, passado e presente *cum hoc ergo propter hoc*. Se a história se repete, primeiro como farsa, depois como tragédia, é preciso que se considere, primeiramente, a possibilidade de que haja existido um episódio inaugural, do qual todos os outros prescindem num evento singular de causa complexa. A tentativa de denunciar a história corrente seja como farsa, seja como tragédia, tornou-se uma máxima cuja acuidade só pode ser retrospectivamente concebida. Como garantir o ônus da prova sobre a repetibilidade da história, entretanto, se tal divisa se instaura sobre a repetibilidade de um jargão que, como tal, recai em falácia?

2. Não deveria ser nenhuma surpresa, exatos duzentos anos após seu nascimento, estarmos cientes de que Marx, homem do Século XIX, compartilhou, também, de certos princípios positivistas. A essa declaração não se relaciona a simplificação ideológica de que sua filosofia teria sido teleológica, propositiva de um fim da história, como já Hegel o fizera, mas a própria base cientificista de seu pensamento. O socialismo científico, como superação do socialismo utópico era, para Marx e Engels, o signo da maturidade intelectual do pensamento materialista, pois somente a ciência seria capaz de dar forma ao conteúdo material da reprodução da vida humana, numa linha argumentativa dialética. Nisto, Marx compartilhou com outras mentes de seu tempo um ideal – corretamente atacado por Stirner e Nietzsche – inerente ao modo pelo qual os homens do Século XIX se apresentavam: os portadores de boas-novas. Tanto mais secularizava-se a sociedade, mais solidificava-se o sentimento moral. Marx não foi, nisto, exceção.

3. O sistema cartesiano atingiu seu ápice no Século XIX. Foi do encontro entre a metafísica de Descartes e as teorias do Estado, de sua época adiante, de Hobbes a Tocqueville, que o Estado, soberano, legou ao pensamento, até mesmo ao anarquismo de Proudhon, algum tipo de autoridade prática. Esta CCcompartilhada pelas diferentes matrizes ideológicas do século. Não por
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

acaso foi tão importante para Marx criticar a Sagrada Família e pôr tanta ênfase no desenvolvimento histórico do Cristianismo como um movimento de superação – dialética, de fato – entre formas autoritárias de exercício da autoridade e doutrina religiosas. Ao fim e ao cabo, resta a autoridade da razão se autoproduzindo e determinando por meio da tomada de consciência de sua situação real efetiva. Neste movimento, não há, destarte, repetição, porém interrupção.

4. Conforme demonstração de Kierkegaard, a repetição é a matéria-prima da metafísica. Para ele, a repetição teria a mesma relevância à modernidade do que tivera um dia a recolecção aos gregos. E, do mesmo modo que eles, os gregos, “ensinaram que todo conhecer é recolecção, do mesmo modo a filosofia moderna ensina que toda vida é repetição”¹ (KIERKEGAARD, 2009, 3). A repetição é, entretanto, um paradoxo temporal e um problema lógico. A dialética real da repetição bate de frente com a anamnese platônica e a mediação hegeliana. Expondo a natureza paradoxal da repetição, Kierkegaard abalou o próprio sustentáculo do sistema hegeliano da *Aufhebung*. Para Kierkegaard, o que se repete é um sempre-novo. O *agora* da repetição é, destarte e sempre, um *após*. A repetição é a antecipação do *após* na medida em que o *agora* não pode se tornar histórico. O tempo de agora kierkegaardiano é a suspensão do tempo cronológico: “o *agora* que é sempre um *após* vem, de fato, *antes* – é o *agora* do ‘instante’, a intervenção súbita no tempo sequencial, a cesura que define o que foi e prepara o que há de se tornar” (MELBERG, 1990, 74).

5. Que Marx – ou o marxismo – não tenha se dado conta da repetição como a antecipação do antes, focando-se meramente no caráter superativo do movimento, se explica pelo resquício da metafísica hegeliana em seu pensamento. Por isso, a repetição é anunciada, no plano histórico, como farsa e tragédia. Este julgamento aponta em direção a uma consideração da ordem da causalidade que intensifica o núcleo positivista do materialismo dialético. Segundo essa observação, e seguindo as considerações do *18 Brumário*, ou o homem faz sua história sem estar consciente de fazê-la, ou alguma

¹... as they taught that all knowledge is recollection, thus will modern philosophy teach that life itself is a repetition (no original).

consciência necessariamente a determina por ele. A falsa consciência surge do simples encontro de classes antagonistas determinadas pela detenção dos meios de produção que é, de fato, a mediação do sistema dialético-materialista, isto é, a história. A crítica de Kierkegaard a Hegel se faz correta, também, no que diz respeito a Marx: a filosofia da mediação, o sistema da *Aufhebung* é o sistema da anamnese, do retorno ao passado. A *Aufhebung*, cuja figura pode ser simbolizada no trapeiro baudelairiano, se positiva como um sistema causal e linear, evolutivo, segundo o qual é possível, caso devidamente compreendido, dar sentido à totalidade da história humana. A tentativa de seguir adiante, de “superar mantendo” leva, evidentemente, a uma única situação possível: a da leitura da história presente à luz do passado, e não o contrário. Nisto, o materialismo dialético do Século XIX legou aos seus momentos subsequentes uma versão reacionária do lema proferido no *18 Brumário*: a ideia de que a repetição da história se dá, de fato, por não a conhecer.

6. A tragédia se torna, a partir de nosso momento, o não conhecimento da história passada. Pior do que acusar a não compreensão desta história, acusa-se o seu não conhecimento generalizado, isto é, uma simples e comum ignorância da própria situação da humanidade no mundo. Com isto, acusa-se, perversamente, a própria possibilidade de que, por falta de acesso educacional e instrutivo, seja inviável que um ou outro indivíduo possa acessar algum tipo de compreensão histórica. Claro está, nisto, que a única compreensão possível a esta esteira intelectual, é a de uma compreensão como a dela, intelectual. O ser humano compreende e conhece, no entanto, através e primeiramente, de seu situar-se, de seus sentidos. A imagem da repetição tal qual proferida por Marx aponta, inclusive, nesta direção: a farsa e a tragédia são modalidades dramáticas que miram, cada uma, a fins distintos através do suscitar de emoções distintas.

7. Existe um episódio histórico que muito se assemelha à farsa, e cujo desenrolar sem dúvida conforma a imagem da história que escapa a uma determinada corrente do marxismo. Conta a história que, na idade média, duas pequenas cidades flamengas cederam à rivalidade, como é comum em urbes vizinhas, após anos de disputa. Quando uma das cidades mobilizou uma invasão, os habitantes da cidade atacada, desordenados, perderam a trava dos

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

portões do local. Desesperado, o porteiro usou o que tinha à disposição para travar os portões. Um jumento, passando pelo local, notou, encravado no portão, uma cenoura e, sem titubear, arrancou-a e comeu-a, liberando as portas para a milícia da cidade invasora. Para a cidade invadida, a cenoura é o símbolo do local durante o carnaval e também apelida seus habitantes. Para a cidade vizinha, a cenoura é o símbolo da chacota às quais submetem, até hoje, os habitantes da cidade que um dia invadiram. É curioso, e digno de reflexão, entretanto, que o símbolo desta história não tenha se tornado, precisamente, o asno. A história é como o asno. Sempre ali, sob o jugo de um mestre; mesmo o melhor deles, o mais conhecedor ou o mais carinhoso, o mais disciplinador ou rígido é incapaz de fazer um asno andar, caso este não queira, ou impedir-lhe a sensação de fome ou sede. A propriedade sobre o asno faz, no máximo, que esse asno viva bem ou mal, muito ou pouco, torne-se terno ou arisco, tenha sua fome e sede saciadas.

8. A ideia de uma história que se repete como farsa e depois como tragédia ignora, primeiro, que toda repetição é inauguração, e segundo que ela é, como repetição, uma farsa sempre nova. Pois o que se ignora na afirmação de Marx é o próprio conteúdo da tragédia, que impossibilita qualquer possibilidade de interrupção, ou de esperança na revolução mesma como motor da história. É curioso que logo Marx, um aristotélico de primeira categoria, tenha ignorado, talvez num ato-falho, o papel da tragédia tal qual explicitado em Aristóteles, a ela relegando, conforme Benjamin mais tarde identificaria, um caráter religioso contra o qual somente a *Aufhebung* da crítica, religiosa, também, poderia superar.

9. Quando Walter Benjamin reviu o conceito nietzschiano de tragédia, ele compreendeu a condição histórica que, como acontece com todo produto humano, permite-nos ler deste ou daquele modo categorias estéticas. Mais do que a geração de uma catarse, Benjamin viu na tragédia aristotélica uma cumplicidade silenciosa com o destino. Especialmente condicionada à situação histórica da modernidade. É conhecido que, para Benjamin, o objeto da tragédia grega é, antes de tudo, o destino. “As profecias de Tirésias, por exemplo, são realizadas exatamente porque o destino é desafiado” (RACY, 2012, 53). O destino é a resolução do mito, que é guiado pela história natural. Originando-se na natureza, portanto, não é possível nenhuma escapatória.

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

Essa relação é legada, através dos tempos, de forma equivocada e chega a nós através do desenvolvimento do dispositivo legal. O direito é a representação do resquício mitológico da sociedade moderna. A culpa é o verdadeiro objeto do direito. Culpa esta que é mitologicamente fundante da sociedade grega, segundo Benjamin. O domínio mitológico é tudo menos histórico. Ele é, verdadeiramente, o reino da repetição trágica.

10.

Os objetos que a regra monacal propunha aos monges para a meditação tinham a tarefa de torná-los avessos ao mundo e à sua agitação. O curso de pensamento que aqui perseguimos emergiu de uma determinação semelhante. Num instante em que os políticos, em quem os adversários do fascismo tinham colocado as suas esperanças, jazem por terra e reforçam sua derrota com a traição à própria causa, esse curso de pensamento se propõe a desvencilhar os filhos políticos deste século dos liames com que os políticos os tinham enredado. Partimos da consideração de que a crença obstinada desses políticos no progresso, sua confiança em sua “base de massa” e, finalmente, sua submissão servil a um aparelho incontrolável, foram três aspectos de uma única e mesma coisa. Essa consideração procura dar uma ideia do quanto *custa* a nosso pensamento habitual elaborar uma concepção da história que evite toda e qualquer cumplicidade com aquele a que esses interesses políticos continuam a se apegar (BENJAMIN, 1980, 2007).

11. De fato, o sujeito do conhecimento histórico é a classe oprimida. O que não se atualiza é a ideia de que a opressão gere, necessariamente, indivíduos progressistas, ou que qualquer indivíduo regressivo seja um “traidor de classe”. Nisto, o Século XXI já deu mostras suficientes de que o conceito de classe social, se não foi simbolicamente desfeito, deve ser passado a limpo. Só em se atualizando o núcleo categórico fundante de uma teoria marxista, o de classe social, poder-se-á superar a dialética do oprimido e do opressor. A velha ideia de que seja possível educar ou simplesmente expulsar os traidores ou ignorantes já se mostrou, mais de uma vez na história recente, mais perigosa do que o perigo que nisto se procura evitar. Nisto, a tradição marxista se mostra tão, ou mais, política e regressiva quanto a nova-direita que é nada mais do que o fascismo-democrático de que trata Alain Badiou (2018) que sujeitos como Trump, Bolsonaro, Netanyahu ou Salvini encarnam.

12. É impossível pensar a política, hoje, sem se levar em conta a revolução digital. Ainda que o fenômeno das *fake news* não seja algo inédito, Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

por exemplo, sua dimensão, que extrapola o próprio espaço digital, é, sem dúvida, inédita e ainda carente de uma resposta clara, pois ele se mostra, mais e mais, determinante na dissolução do que foi, ao final do século passado, teorizado como espaço público pela filosofia republicana de Habermas (1991), Kluge&Negt (1993) e Honneth (1995). A revolução digital, sem dúvida possibilitando inúmeras benesses, trouxe consigo o tornar insular [*insularisierung*] do eu por sua exposição ilusória enquanto ação comunicativa. Insular, o eu se torna o membro isolado duma sociedade opinativa [*Meinungsgesellschaft*], em que a personalidade é formada pela garantia e manutenção da possibilidade de ter e expressar a opinião própria, cindindo qualquer possibilidade, ou ao menos a dificultando à enésima potência, de se construir o consenso por meio de um processo narcísico de recusa à comunicação. O diagnóstico de Byung-ChulHan (2014) é, neste sentido, preciso e torna explícito o desafio em se pensar uma democracia que se possa renovar representativamente à despeito e a partir do processo de fragmentação da esfera pública. O câmbio de paradigma político, de um idealismo discursivo a um materialismo digital é a pedra de toque para a possibilidade de um novo conviver político que dê conta do conteúdo histórico que é desenvolvido nas atuais condições materiais mediadas, sempre e necessariamente, pelo digital. É preciso, portanto, entender o papel e as possibilidades oferecidas pelo digital não à luz da denúncia da *fake news* como a repetição da publicidade nazifascista do século passado, mas da possibilidade de transformação oferecida pelo digital como um *medium de percepção*. Pois o discurso que vê, ou unicamente regressão, ou unicamente progresso na emergência das tecnologias digitais, recai no falso problema de atribuição de verdade a formas que, sem a mediação do intelecto humano, não são nada. Essa lógica arma a própria armadilha ao mimetizar o funcionamento dos *big data*, que são pretensamente capazes de comprovar o que já se sabe.

13. As condições materiais efetivas contemporâneas demandam um materialismo digital que permita àquele ego narcísico formado pela opinião da mídia social separar-se da falsa ilusão de autonomia plena. É preciso, portanto, educar-se com o medium de percepção que é o próprio digital. Essa educação, que é mais uma exploração das possibilidades sensoriais e intelectuais por ele oferecida, é, precisamente o que põe em xeque a ideia de uma repetição da

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

história como tragédia. Pois se é verdade que aos gregos, a tragédia está ligada ao destino inescapável, a possibilidade da história se repetir como tragédia inclui, necessariamente, a mesma dinâmica, de modo que seja impossível escapar ao fim trágico, dada a repetição da história. Ora, é evidente que, uma sociedade mais e mais individualizada e reformulada a partir de egos narcísicos possibilitados pela revolução digital cujas possibilidades têm, até agora, escorrido pelos dedos, só pode condenar à tragédia narcisos individuais, cindidos de um processo comunicativo transformador. Não é necessária a mediação do homem público, hoje, para que se governe, propague, ou apresente uma ou outra ideia, uma ou outra ideologia. Mas a falha em se resistir a esse processo tem mais a ver com a ideia de uma história que se repete do que com a tarefa de se assumir os novos mecanismos de controle como inevitáveis, dispondo-os contra eles mesmos. Uma certa esquerda, entretanto, prefere, ao contrário, submeter-se a eles servilmente.

14. Os processos descritos aqui espelham dois tipos de repetição aos quais correntes distintas daquilo que pode pertencer a uma mesma ideologia, lançam mão. O que talvez se possa diagnosticar, portanto, hoje, é que, dentro de uma mesma esfera autodeclarada progressista, coexistem dois conceitos opostos de repetição da história: aquela do materialismo dialético que se tornou conservadora e reacionária, e aquela um dia proposta pelo existencialismo kierkegaardiano que, individualista e teológico em natureza, propõe-se, hoje, como alternativa renovadora de uma experiência histórica que toma como medida uma forma de “eterno presente”. Em outras palavras, à ideia marxista da história que se repete como tragédia e farsa, contando com um momento originário especulativo que se mistifica com o rolar da carruagem, contrapõe-se uma ideia de história como repetição como “eterna farsa”, posto que, somente como anamnese, portanto como tentativa conservadora de restituição da experiência, pode a história se repetir como tragédia. A diferença central entre uma e outra concepção é que reside, na concepção marxista, um cerne metafísico que, na tentativa de resistir a uma história positivista e regressiva, conta essencialmente com um “tal qual” dos fatos históricos possíveis de serem resgatados mediante anamnese. Enquanto para o marxismo a anamnese seria o momento de certo “despertar” à verdade histórica, à concepção

kierkegaardiana é a própria repetição que garante à própria vida histórica a possibilidade da vigília.

15. A era da pós-verdade encontra na ideia de repetição como tragédia e farsa uma secreta cumplicidade, na medida em que se mostra como a impossibilidade de uma verdade histórica. Nisto, a recolecção criticada por Kierkegaard é certa, representando o momento em que o materialismo dialético ignora totalmente o potencial formativo do esquecimento. Enquanto para Marx o esquecimento equivale à falsa consciência, para Kierkegaard e Nietzsche, ou Benjamin, o esquecimento se mostra a força motriz da história, de modo que, numa linha histórica dos fatos “tais quais” eles se passaram a farsa e a tragédia seriam muito mais representadas no exercício da reminiscência do que na entrega ao olvido. O “relato sobre as coisas ‘tal qual’ aconteceram já é algo historicamente distante” (RACY, 2012, 41). A ideia de que seja possível recordar a história com justeza é, deste modo, crer na possibilidade de que, olhando o passado pelos fatos seja possível livrar a geração presente de seus perigos, quando na verdade, como Benjamin discute em suas *Teses*, o que urge é o conhecimento do presente. É no presente que o passado se repete. Entretanto, o princípio adotado a largo pela tradição marxista, de que todo momento crítico é simplesmente uma repetição, ou como tragédia ou como farsa, do passado, ao invés de uma repetição do eterno novo, implica única e simplesmente, que a concepção de passado a qual se lança mão é imóvel e estática. Na tentativa de denunciar o passado, o que parte da tradição dialética vem fazendo, é, assim, trabalhar a favor de uma concepção estática e linear da história que ela mesma tenta criticar.

16. Em sua primeira *tese sobre o conceito de história*, Benjamin descreveu a famosa imagem do autômato enxadrista. Ora, se, na alvorada da Segunda Guerra Mundial, Benjamin via o autômato como o materialismo histórico que, somente com a expertise do pequeno anão corcunda – a teologia – poderia sair vitorioso, o que a era digital – era das falsas verdades, da dissolução da esfera pública e emergência do eu total – mostra, é que a relação entre autômato e anão se inverteram. Nisto, o materialismo histórico procura muito mais desenvolver uma identificação afetiva com as massas e as minorias, legando-lhes mais uma letargia conformista em momentos de vitória, do que uma postura movida pela consciência do perigo. A ideia da repetição

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

como tragédia e farsa é precisamente o motor desta letargia: a sensação de conforto e segurança. A esquerda se mostrou, portanto, mais ignorante de seu declarado inimigo, o capitalismo, do que este dela. Enquanto um conta com o suporte dos avanços democráticos, incontestáveis após o fim da Guerra Fria, o outro lado procura em suas próprias ruínas trilhas secretas que o podem levar ao renascimento. Para isso é indispensável a identificação afetiva com o lado perdedor.

17. Aquilo que a esquerda foi, até hoje, incapaz de compreender, é que, se o capitalismo é um sistema fundamentado numa estrutura dependente de crises constantes necessárias à reconfiguração do processo produtivo e superação do capitalismo por si mesmo, então os momentos de crise reais não são aqueles de crise econômica, mas, ao contrário, aqueles de afluência. Nisto reside a farsa do capitalismo à qual a esquerda não cansa de virar os olhos. Pois importa somente que, para sua vitória, a história seja “devidamente” compreendida. Para isso, ela vê como fundamental, denunciar, a cada momento, a repetição da história, lançando mão precisamente de uma história estática. Frente a um “tal qual”, a única coisa que a esquerda tem se mostrado capaz de fazer é responder um sonoro “não é bem assim”, sem, contudo, reestruturar sua própria concepção de história. Contra fatos falsos, ela responde com fatos pretensamente corretos, sem se dar conta de que é muito mais a uma irrupção do tempo, do que à facticidade que as atuais sociedades se relacionam. Nisto, o diagnóstico de Karl Korsch segue pungente: qualquer tentativa atual de reestabelecer o marxismo como teoria da revolução é uma utopia reacionária (KORSCH, 1950).

18. À máxima marxista de que as revoluções seriam o motor, Benjamin opôs a ideia de que elas talvez sejam, de fato, o freio de emergência da história. Somente alguém que observara a tendência reacionária a que o marxismo enveredara poderia chegar a tal hipótese. Como isso, Benjamin percebeu, no fundo, que a retórica marxista enveredara na armadilha do simbolismo que a tragédia impõe como regra. Nesta retórica, todo indício, todo signo, torna-se total e inescapável. A hipótese da repetição da história à moda marxista conta a favor deste mecanismo demônico. A ele se opõe muito mais a repetição kierkegaardiana, que não se pretende outra coisa do que farsa e portanto desconfia das semelhanças criadas pela identificação afetiva com

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade da Antuérpia (Bélgica). Brasileiro, residente em São Paulo-SP. Email: gustavoracy@outlook.com

períodos históricos, do que o próprio marxismo atual. É na concepção kierkegaardiana de repetição, mais do que no próprio marxismo, que o Século XXI poderá, ironicamente, talvez desvelar o potencial alegórico que as pós-verdades instituem correntemente.

19. Benjamin percebeu o caráter progressista do pensamento kierkegaardiano, e talvez tenha por ele se influenciado mais do que comumente se pensa. O papel da força revolucionária em Benjamin demonstra tal influência. Para Benjamin, é a força revolucionária, mais do que a revolução propriamente dita, que possui potencial redentor. A utopia não é central para Benjamin, tanto quanto a redenção, porque ele a descobre ser o próprio objetivo da luta de classes em seu processo de desenvolvimento histórico. Para isso, é necessário que se veja a história como o processo repetitivo tal qual o diagnóstico de Marx. A redenção, ao contrário, é meio e fim ao mesmo tempo, e é, no tempo, a parte que cabe ao presente, sendo que dela não se faz uma imagem futura. Por isso, no tempo redimido, tudo é igual a antes, porém um pouco diferente. A liberdade humana não é, assim, uma tarefa que tem em vista o futuro, tentando aproveitar as chances produtivas que se repetem no desenrolar histórico, mas um pulo que opera a libertação só, e somente só, no agora.

REFERÊNCIAS

- BADIOU, A. **Trump o del fascismo democratico**. (Milano: Meltemi editore, 2018).
- BENJAMIN, W. Über den Begriff der Geschichte. In___: TIEDEMANN, Rolf. **Walter Benjamin. Gesammelte Schriften, V.1-2**,(Frankfurt-am-Main: Suhrkamp, 1980).
- BENJAMIN, W. Sobre o Conceito de História. In___: LÖWY, M. **Walter Benjamin: Aviso de Incêndio. Uma leitura das teses "Sobre o conceito de história"**,(São Paulo: Boitempo, 2007).
- HABERMAS, J. **The Structural Transformation of the Public Sphere: An Inquiry into a Category of Bourgeois Society**, (Cambridge: The MIT Press, 1991).
- HAN, B-C. **Razionalità Digitale. La fine dell'agire comunicativo**, (Firenze: goWare, 2014).
- HONNETH, A. **The Fragmented World of the Social: Essays in Social and Political Philosophy**, (New York: State University of New York Press, 1995).
- KIERKEGAARD, S. **Repetition and Philosophical Crumbs**,(Oxford: Oxford University Press, 2009).
- KORSCH, K. **Ten Theses on Marxism Today**,(1950), [Online] Disponibilidade: <https://www.marxists.org/archive/korsch/1950/ten-theses.htm>[22/10/2018].
- MARX, K. Teses Sobre Feuerbach. In___: **Karl Marx & Friedrich engels. Textos Filosóficos**,(Lisboa; São Paulo: Editorial Presença; Martins Fontes, 1974).
- MARX, K. **O 18 Brumário de Luís Bonaparte**, (São Paulo: Boitempo Editorial, 2012).
- MELBERG, A. Repetition (In the Kierkegaardian Sense of the Term). **Diacritics**, v. 20, n. 3 (Autumn – 1990), p. 71-87.
- NEGT, O; KLUGE, A. **Public Sphere and Experience. Toward an Analysis of the Bourgeois and Proletarian Public Sphere**, (Minneapolis; London: University of Minnesota Press, 1993).
- NIETZSCHE, F. **Untimely Meditations**, (Cambridge: Cambridge University Press, 2007).
- RACY, G. Teologia, Política e História: Por uma Interpretação da Tese VI "Sobre o Conceito de História". **Synesis**,v. 4, n. 1 (2012), p. 38-52.